

O sagrado e o entendimento da realidade no Livro de Jó e no filme *Um homem sério*

RÔMULO BEZERRA

Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

e-mail: romulo.bezerra.s@gmail.com

Resumo: Os textos bíblicos têm diversas ressonâncias na produção cultural, principalmente na do Ocidente; essas ressonâncias podem tomar a forma de simples referências e citações sem maiores consequências ou ainda ser releituras, ressignificações, atualizações das narrativas bíblicas. *Um Homem Sério*, de Joel e Ethan Coen, é um filme lançado em 2009 que realiza uma leitura do *Livro de Jó*. Este trabalho tenciona, portanto, realizar uma comparação e análise de ambas as obras a fim de entender como o filme compartilha de um mesmo cerne do livro bíblico, ao mesmo tempo em que se difere radicalmente dele. Esta análise será feita tendo em vista a relação dos personagens Jó e Larry Gopnik com o Sagrado e como essa relação dá significado à realidade narrativa na qual estão inseridos.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Literatura e Cinema, Literatura e sagrado.

Resumé : Les textes bibliques ont de nombreuses résonances dans la production culturelle, surtout laquelle de l'Occident; surtout laquelle de l'Occident; ces résonances-là peuvent être manifestées en tant que simples références et citations ou encore comme relectures, ressignifications ou actualisations des récits bibliques. *A Serious Man*, de Joel et Ethan Coen, est un film lancé en 2009 et qui développe une lecture du *Livre de Job*. Cette étude a pour but, alors, une comparaison et une analyse de tous les deux œuvres afin de comprendre comment le film partage un même noyau du texte biblique tout en se différenciant radicalement de lui.

Mots clés : Littérature comparée ; Litterature et Cinéma ; Littérature e sacrée.

*When the truth is found to be lies
And all the joy within you dies
Don't you want somebody to love?
Don't you need somebody to love?
Somebody to love - Jefferson Airplane*

1. Introdução

Havia um homem temente a Deus cujo nome era Jó. Além de ter posses de extensão e quantidade inimagináveis, ele se desviava do mal, era sincero, reto e justo. Toda essa integridade agrada a Deus que, numa reunião com seus filhos, pergunta ao Adversário se este conhece Jó, o mais fiel de seus servos. O Adversário

rio responde, então, que Jó só é de fato fiel por ter tantas posses; uma vez retiradas, Jó blasfemaria. Deus dá permissão, então, para que o Adversário tome todas as posses e fira todos os filhos de Jó sem, contudo, atentar para sua saúde. Eis, então, que uma série de acontecimentos matam todos os rebanhos e todos os filhos de Jó que, no entanto, continua a provar sua fé. Em nova apresentação dos filhos de Deus, este volta a perguntar para o Adversário se havia notado que Jó, mesmo sem suas posses, continuava a cantar o nome divino. O inimigo diz que essa fé só é possível porque ainda há saúde no corpo de Jó; uma vez que tivesse o corpo debilitado, haveria a blasfêmia. Deus permite que a saúde de seu servo seja atacada desde que a vida lhe fosse poupada. Jó é acometido, então, de uma chaga mortal que o faz coçar-se com caco de telha e sentar-se nas cinzas. Três amigos de Jó, Elifaz, Bildade e Zofar¹ vêm para lamentar o destino de Jó e, posteriormente, passam a debater com ele as causas de seus infortúnios. Para eles, o fato de ter sido punido representa um castigo divino, ao passo que Jó jamais nega sua fé e deseja apenas que Deus ouça suas súplicas e acabe com sua vida. Ao final de seus tormentos, Deus se mostra para Jó num redemoinho, numa tempestade e, testemunhando o imenso poder cósmico divino, o servo se resigna e se humilha. Diante da fé de Jó, Deus restitui sua prosperidade ao dobro do que era e dá a ele mais dez filhos.

No final da década de 1960, em uma cidade não identificada nos Estados Unidos, Larry Gopnik, um professor universitário, começa a perceber uma série de injustiças em sua vida. Apesar de seus esforços para ser um bom pai, um bom marido, um bom vizinho e um bom membro da comunidade judaica, algo não parece recompensá-lo. Sua mulher comunica que quer o divórcio e um ritual judaico de separação para poder casar-se com Sy Ableman, um estimado membro da sociedade. Os filhos não respeitam Larry. O vizinho parece ultrapassar cada vez mais os limites do gramado. Na universidade em que está prestes a conseguir uma promoção, cartas anônimas dão conta de difamar Larry. Um aluno tenta comprar notas. Diante de tantas pequenas injustiças, Larry procura a orientação dos rabinos, que não fornecem nenhum auxílio. Os infortúnios parecem somente aumentar, enquanto Larry procura desesperadamente por ajuda e pelas respostas que tornem tudo compreensível: Sy Ableman morre, e é decidido que quem tem que pagar pelos gastos com enterro é Larry. O irmão, Arthur Gopnik, se envolve em problemas com policiais. O filho celebra seu próprio *bar mitzva* sob os efeitos de maconha. Ante tudo isso, Larry só deseja saber qual é o propósito de Deus – ou *Hashem* – em sua vida.

Essas são, respectivamente, em essência, as narrativas do Livro de Jó bíblico e de *Um Homem Sério*, filme de Ethan e Joel Coen. Este artigo tenciona, então, comparar as obras tendo em mente os seguintes pontos:

- ➔ Os protagonistas Jó e Larry Gopnik;
- ➔ A forma como a relação dos personagens com o Sagrado molda sua concepção de mundo;
- ➔ Como uma obra contemporânea lê – e portanto, significa – uma obra de anti-

¹ Há diferenciação em relação à tradução principalmente dos nomes. O texto bíblico mais utilizado nas citações deste artigo é aquele traduzido por José Ferreira de Almeida. A *Bíblia de Jerusalém* também foi usada para a realização deste trabalho, porém com menos foco.

ga tradição, sendo ao mesmo tempo fruto do agora e remetendo ao texto antigo.

2. O *Jó bíblico*

Primeiramente, faz-se necessário citar um ponto: existem, entre estudiosos, controvérsias em relação à unidade do *Livro de Jó*. Fala-se que o discurso de Eliú ou até mesmo o discurso de Deus no redemoinho não pertencem ao texto original, como apontam tanto Alter (1998, p. 25) quanto a Introdução ao Livro de Jó da *Bíblia de Jerusalém* (1995, p. 881). Neste trabalho, considerar-se-á o livro da forma com a qual tem sido lido: uma unidade que compreende tanto Eliú quando o discurso de Deus.

No primeiro capítulo de *Mimesis*, obra na qual se debruça sobre a representação da realidade na literatura ocidental, Auerbach se volta para dois tipos básicos de estilo narrativo utilizando-se de dois exemplos: o episódio da cicatriz de Ulisses da *Odisséia* e o episódio do sacrifício de Isaque do *Gênesis* bíblico. Tem-se um esquema dos dois estilos:

De um lado [no estilo homérico]², fenômenos acabados, uniformemente iluminados, definidos temporal e espacialmente, ligados entre si, sem interstícios, num primeiro plano; pensamentos e sentimentos expressos; acontecimentos que se desenvolvem com muito vagar e pouca tensão. Do outro lado [o estilo do Velho Testamento]³, só é acabado formalmente aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão. Os pontos culminantes e decisivos para a ação são os únicos a serem salientados [...]. O todo, dirigido com máxima e ininterrupta tensão para um destino e, por isso mesmo, muito mais unitário, permanece enigmático e carregado de segundos planos (1976 p. 9).

Embora, como aponte Alter (2007), Auerbach generalize e ignore em sua análise o fato de que o Velho Testamento é um conjunto de livros escritos em épocas e por pessoas diferentes – o que leva a uma grande diferença de estilos –, sua sistematização aponta para estruturas presentes no livro de Jó. Este é constituído por quarenta e dois capítulos, mas apenas três (os dois primeiros e o último) dão conta, fundamentalmente, de *ações* e *acontecimentos*; os outros trinta e nove capítulos são constituídos pelo embate de discursos entre Jó, seus três amigos (Elifaz, Bildade e Jofar) e, posteriormente, Eliú. Alter, ao falar justamente dos estilos narrativos dos textos bíblicos, diz que a última função geral da narrativa bíblica

[...] corresponde ao que podemos chamar de informação expositiva. Uma história bíblica paradigmática [...] começa com poucas frases curtas que nomeiam o personagem ou os personagens principais, situam-nos geograficamente, identificam suas relações familiares mais importantes e, em alguns casos, fazem uma sucinta caracterização moral, so-

² Inserção minha.

³ Inserção minha.

cial ou física do protagonista (2007, p. 126).

E é justamente o que temos no Livro de Jó. Os três primeiros capítulos caracterizam muito pouco o protagonista: “Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó; e este era homem sincero, reto e temente a Deus, e desviava-se do mal” (JÓ 1:1), e dão conta dos acontecimentos de modo rápido, citando apenas o necessário, como aponta Auerbach. Jó logo sabe que sua propriedade fora consumida de diversas maneiras e que seus filhos morreram. Assim, pode-se supor que ainda que essa narração primeira seja necessária – e ela é –, o cerne de todo o Livro de Jó está mormente no embate de discursos entre Jó e seus amigos. É nesse embate de discursos que haverá ruptura com o estilo que Auerbach caracteriza como o do Velho Testamento. O narrador do Livro de Jó dá a todos os personagens voz e é por meio de seu discurso que conhecemos suas ideias e, no caso do protagonista, também suas angústias e seus desejos. Como o próprio Auerbach diz, mas acerca dos personagens homéricos: “as personagens de Homero dão a conhecer seu interior no seu discurso: o que não dizem para os outros, falam para si, de modo que o leitor o saiba” (1976, p. 4). Nota-se, então, uma mescla dos estilos apresentados no primeiro capítulo de *Mimesis*.

Bildade, Zofar e Elifaz partem do pressuposto advindo da sabedoria convencional (ALTER, 1998, p. 23) que consiste no seguinte raciocínio: se Jó está sendo punido, é porque existiu pecado; por outro lado, Jó demanda a presença de Deus justamente por saber que nada fez de errado e, ainda assim, sofre infortúnios. Faz-se necessário notar então o tipo de raciocínio que têm tais personagens: há uma relação estrita entre a ação humana e a ação divina. A ação humana que é condizente com o que é correto (ou, mais especificamente, com o que Deus decide como correto) leva às bênçãos, ao passo que ação humana que se desvia dos padrões divinos leva à perdição. No entanto, o que os personagens Elifaz, Bildade e Zofar veem não é o suposto erro, mas apenas a perdição. Os personagens humanos não têm acesso à conversa entre Deus e o Adversário. Logo, os três amigos fazem uma assunção que lhes parece justa e possível: se há punição, houve pecado.

A estrutura dos trinta e nove capítulos que compreendem os discursos é, de forma geral, constituída de lamentação e réplica: já no capítulo três, Jó lamenta seus infortúnios e amaldiçoa seu nascimento. No capítulo posterior, Elifaz o repreende. Os capítulos compreendem sempre o discurso de um personagem. É através desses discursos que o leitor pode compreender que visões de mundo estão envolvidas na narrativa.

Os amigos repreendem Jó pela sua recusa em se arrepender de seus pecados, como já foi dito neste trabalho. Os personagens não surgem apenas como simples porta-vozes de uma sabedoria tradicional, mas faz-se notar em seus discursos certa superioridade e arrogância: “Chama agora; há alguém que te responda? E para qual dos santos te virarás? / Porque a ira destrói o louco, e o zelo mata o tolo” (JÓ 5:1,2), diz Elifaz, em sua primeira réplica a Jó. Assim também se portam os demais personagens, o que pode levar a uma interpretação possível em razão dos obscurecimentos da narrativa (que existem aqui, ainda). No entanto, o impulso inicial que os faz ir ter com Jó é, de certa forma, puro; eles compartilham da dor do protagonista (JÓ 2:13). A soberba e a

inveja, assim, parecem ser mais da ordem do calor da discussão do que, necessariamente, um traço maligno dos personagens. O discurso de Eliú, embora soe desconexo e seja contestado como parte do livro (o personagem é introduzido sem apresentação e é interrompido por Deus sem qualquer cerimônia; a voz divina ainda ignora totalmente Eliú, ao passo que se volta contra os três amigos), é nada mais que um reflexo do discurso dos três amigos. Para ele, Deus aflige os justos por pecados de omissão ou para curar-lhes o orgulho (*Bíblia de Jerusalém*, 1995, p. 881).

Quando finalmente, após diversos capítulos cujo conteúdo assinala a alternância entre lamentos de Jó e acusação dos amigos, Deus se revela, não há uma explicação clara para o destino de Jó. Deus não explica a reunião com o adversário. O discurso poético divino no meio do redemoinho (literal ou metafórico, significando justamente a discussão envolvida) dá conta de explicar para Jó que Deus não deve satisfação aos homens – e, portanto, não deve se explicar inteiramente para o protagonista. No entanto, a simples aparição já é um alívio para o personagem. Como já dito, ele anseia tanto mais que Deus não se esquive do que simplesmente uma explicação. A conversa entre Deus e Jó mostra, afinal, que o Criador se importa tanto com a criatura que se revela à humanidade (ALTER, 1998, p. 25). Dessa forma, ao reconhecer a sublimidade de Deus e não renegar sua fé, Jó se revela um personagem de grandeza extrema porque, apesar de não entender o motivo de sua punição, tem consciência que nada fez para desagradar a Deus. Sendo portador da vontade divina – provar para o Adversário que Jó é, de fato, fiel –, o personagem manifesta não só sua nobreza de caráter como também a sublimidade de Deus (AUERBACH, 1976, p. 15). O *Livro de Jó*, então, se mostra um livro religioso cuja mensagem é a de que “o homem deve persistir na fé mesmo quando seu espírito não encontra sossego” (*Bíblia de Jerusalém*, 1995, p. 881). É justamente as noções de que ao homem não é facultado o conhecimento acerca dos desígnios divinos e que há uma relação de causalidade entre as ações humanas e as ações divinas que guiarão a análise do filme *Um Homem Sério*.

3. Jó relido pelos irmãos Coen: *Um Homem Sério*.

O filme *Um Homem Sério* foi lançado nos cinemas americanos em 2009 e, no Brasil, no início de 2010. O filme é dirigido pelos irmãos Joel e Ethan Coen e faz parte de um ramo do cinema independente americano que convive paralela ou complementarmente ao grande cinema hollywoodiano (SUPPIA, PIEDADE e FERRARAZ, 2008, p. 250).

Um Homem Sério trata, como dito, das agruras cotidianas e sem sentido pelas quais passa Larry Gopnik, um professor universitário judeu do final da década de 1960. Suas relações familiares e profissionais parecem estar sob ameaça e Larry busca a orientação de três rabinos a fim de entender o motivo pelos quais *Hashem* está agindo de tal forma em sua vida.

Primeiramente, é necessário lembrar que Larry não é como Jó. Larry não é o mais temente a Deus ou o mais atencioso com seus pares. Na verdade, o personagem vive na regularidade mais banal do cotidiano. Mora em um subúrbio típico americano, com cores monótonas sem qualquer vida. As grandezas da narrativa bíblica são retira-

das. No filme dos Coen (e isso acontece em diversos de seus filmes, como será dito adiante) não há espaço para a grandeza mítica existente no *Livro de Jó*. O melhor que Larry consegue fazer é ser esforçado. No entanto, ainda assim, as injustiças acontecem.

Judith, a mulher de Larry, lhe comunica, sem qualquer cerimônia e abruptamente que deseja se separar. Nada é dito no filme acerca de seus motivos de insatisfação – a não ser o caso que mantém com Sy Ableman, este, sim, um admirado membro da comunidade. Judith oprime de tal forma o marido – que não parece ter lá muita voz em casa – que o força a deixar a casa. A inexpressividade de Larry pode ser constatada justamente na cena em que Judith e Sy pedem que Larry se mude para um motel. Enquanto Larry veste camisa e calças em tons neutros, Sy e Judith vestem roupas quadriculadas e fortemente estampadas, denotando também a cumplicidade que têm um com o outro. Posteriormente, Larry sofre um pequeno acidente de carro, ao mesmo tempo em que Sy é morto no trânsito. Judith, então, força o marido a pagar as despesas com o funeral. Ainda em relação à família, os filhos de Larry também não dão muita atenção para o pai. A filha gasta horas em bares e saídas com as amigas, enquanto o filho, presntes a celebrar seu *bar mitzvah*, passa seu tempo entre a televisão e a maconha.

Profissionalmente vê-se também que Larry é vítima de injustiças. Logo após uma aula na qual demonstra estar empolgado com o que ensina – Física –, o personagem é abordado por um aluno bolsista estrangeiro, Clive, que havia tirado F em uma prova. O aluno, então, pede que o professor mude a nota. Posteriormente, Larry encontra um envelope branco com uma boa quantia em dinheiro – e a assunção que faz é a de que o aluno tentara comprar a nota. O seguinte diálogo é travado pelos personagens:

“Larry: In this office, actions have consequences.

Clive: Yes, sir

Larry: Not just physics, morally!

Clive: Yes

Larry: And we both know about your actions

Clive: No. I know about my actions”.

Vê-se nesse diálogo muito do personagem Larry. Ele compartilha da noção de causalidade presente no *Livro de Jó*. Para Larry, as ações têm consequências não só no campo científico de domina (Física ou Matemática), mas moralmente. Logo, é necessário existir consciência e responsabilidade acerca de suas ações. Clive responde incisivamente que apenas ele mesmo sabe o que faz. Isso espelha outros momentos do filme nos quais Larry, atônito com o que acontece consigo e/ou à sua volta, diz “I haven’t done anything”, de forma quase suplicante. Não é possível, para ele, que aconteçam tantos infortúnios, que Deus despeje tanta desgraça em sua vida se ele não parece ter pecado de alguma forma. Ao contrário de Jó, que sabe não ter cometido falta nenhuma, a Larry não é dada a possibilidade de saber de todas suas ações. Ao contrário de Jó, Larry somente pode esperar, pode torcer, pode desejar que não tenha, de fato, feito nada errado. É a causalidade que é introduzida logo no início do filme, em uma espécie de curta metragem que trata de um casal judeu que recebe a visita de um homem su-

postamente morto. Para a esposa, a presença de tal homem só pode significar uma coisa: ele é um *dibbuk*⁴, e o casal fora amaldiçoado por Deus. A causalidade, então, tem um responsável: a ação divina. É essa noção que guia não só o tal curta como também Larry Gopnik. Não é por acaso que ele vai em busca de *rabinos*. Partilhando de um pensamento semelhante ao dos amigos de Jó, Larry só compreende o mundo ao seu redor como uma ação divina que é consequência direta das ações humanas.

Sofrendo todo tipo de pressão, Larry finalmente sucumbe às ameaças do pai de Clive para que mude a nota do filho – de outra maneira, o professor seria processado por calúnia. No momento preciso em que muda a nota de Clive de F para C –, Larry recebe um telefone de seu médico dizendo que é necessário que os dois conversem acerca dos exames que fizera. Tendo toda uma vida e uma realidade calcadas na causalidade divina, a Larry nada resta além de ligar os dois elementos: sua doença só surgiu por conta de sua falta de moral ao mudar a nota do aluno.

Ao mesmo tempo em que há essa sequência da mudança de notas e do telefonema, a montagem alterna para a escola do filho de Larry. Para lá ruma um redemoinho, um tornado. O diretor decide mover os alunos para o abrigo. No entanto, o tornado se aproxima rápido demais da escola. O filme, então, termina, com o filho de Larry olhando fixamente para o agora tão perto do redemoinho de vento, enquanto toca a música do grupo Jefferson Airplane *Somebody to love*⁵.

Quando Larry percebe que suas concepções de mundo não conseguem mais dar conta de explicar a realidade na qual vive – ou seja, quando descobre que suas verdades talvez sejam mentiras, ecoando assim a letra de *Somebody to love* –, sua fé e suas escolhas morais fraquejam. E justamente ao fraquejar que Larry recebe dois golpes duros: sua doença e a provável morte de seu filho. Larry, como Jó, pensa que

deve ter atrapalhado o equilíbrio da justiça divina, que deve ser o equilíbrio correto. Se não for essa a resposta, então não há resposta humana, e devemos nos conformar com os mistérios dos desígnios de Deus com a esperança de que tenham mais sentido do que aparentam ter (FRYE, 2004, p. 232).

Ao contrário de Jó, que ainda consegue ver Deus se manifestando – e, com Sua presença, sentir-se amado –, Larry não tem nenhum conforto. Personagem típico dos Coen, Larry Gopnik deve agir no mundo mesmo sem ter certeza se sua moral, se seus valores, se sua fé, se sua noção de causalidade ainda têm algum significado. Enquanto o personagem Jó é gradualmente construído a partir de seus discursos, ao longo do *Livro de Jó*, Gopnik passa pela trajetória oposta, uma vez que é quem tem suas concepções esvaziadas de todas as formas possíveis: não tem mais esposa, por mais que se esforce não consegue ser um membro proeminente e respeitado da comunidade judaica, os filhos mal ouvem o que fala, não consegue resolver um simples problema com o vizinho, não consegue avançar profissionalmente. Em suma, todas as chances de ser o

⁴ Personagem do folclore judeu que consiste em um espírito maligno que se apossa de outros corpos.

⁵ Que é a epígrafe deste trabalho.

Homem Sériu do título do filme são primeiro mostradas ao personagem para, posteriormente, serem quase que sadicamente dele arrancadas. Larry Gopnik é, como dito, um personagem típico dos irmãos Coen: o personagem que se vê em um mundo no qual seus valores não parecem representar algo significativo, que se vê de alguma forma vazio e que não consegue mais enxergar qualquer tipo de sentido no mundo. Esse personagem típico pode ser encontrado em diversos filmes dos diretores, como *Onde os fracos não têm vez*, *Queime depois de ler*, *O homem que não estava lá*, *Fargo*, *Barton Fink – delírios de Hollywood*.

4. Conclusão

Pretendi, com este trabalho, realizar uma comparação entre uma narrativa fílmica contemporânea e o texto antigo no qual o filme se baseia. Para tanto, procurei analisar a relação que os personagens Jó e Larry Gopnik têm com Deus e como essa relação os faz dar significados aos acontecimentos de suas vidas. Se Jó, ao final, consegue a recompensa de ter a certeza que Deus o escuta – ainda que não se justifique –, a Larry é negado até mesmo esse conforto. Larry nunca tem provas concretas da *bondade* divina, mas apenas de sua *punição*, afinal, somente isso explicaria tantos infortúnios em sua vida. Um *Homem Sériu* se mostra não apenas uma interessante releitura do *Livro de Jó* como também é um representante legítimo do estilo narrativo de Ethan e Joel Coen, que Allen descreve como construído a partir de Sartre e Camus:

Both of those philosophers [Sartre e Camus]⁶ argued that man finds himself in an absurd world, where he must act despite having only incomplete knowledge, with no moral absolutes do guide him. Trapped inside the prison of his own mind, he finds that his freedom is more a curse than a blessing, and that anguish is his natural state of mind as he objectifies and misunderstands others while being misunderstood in return (2006, p. xi).

Bibliografia

ALLEN, William Rodney (ed.). *The Coen Brothers: interviews*. Mississipi: University Press of Mississipi, 2006.

ALTER, Robert. *A Arte da Narrativa Bíblica*. Tradução de Vera Pereira, Revisão Técnica de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Em Espelho Crítico*. Tradução de Sérgio Medeiros e Margarida Goldsztajn. São Paulo: Perspectiva, 1998.

⁶ Inserção minha.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BÍBLIA. *Livro de Jó. A Bíblia de Jerusalém*. Tradução de Luiz Inácio Staldemann. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1995.

BÍBLIA. *Livro de Jó. Bíblia Sagrada contendo o Antigo e o Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Geográfica, 2001.

FRYE, Northrop. *O Código dos Códigos: a Bíblia e a Literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

SUPPIA, Alfredo; PIEDADE Lúcio; FERRARAZ Rogério. "O Cinema Independente Americano", in: BAPTISTA, M., MASCARELLO, F. *O Cinema Mundial Contemporâneo*. 2 ed. Campinas: Papyrus, 2011.

Filmografia

Um homem sério (A Serious Man). Direção: Ethan Coen e Joel Coen. Produção: Tim Bevan, Ethan Coen, Joel Coen, Eric Fellner, Robert Graf. Distribuição: Universal Home Video. 2009 (106 min.).